



## Mesa-redonda: COMO CONSERVAR AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NATIVAS E FORTALECER O DESENVOLVIMENTO LOCAL?

Coordenadora: Ieda Maria Bortolotto (UFMS)

Resumo para o Livro eletrônico da 71a Reunião Anual da SBPC

Palestrante 3. Ieda Maria Bortolotto (UFMS [iedamaria.bortolotto@gmail.com](mailto:iedamaria.bortolotto@gmail.com)) (67) 999111964  
<http://lattes.cnpq.br/5604745373061740>

Resumo: O papel do acesso ao conhecimento tradicional na construção de uma rede de conhecimentos sobre plantas alimentícias nativas

RESUMO: As plantas alimentícias nativas são importantes para a segurança alimentar e nutricional e para a soberania alimentar das populações humanas. Porém, mesmo em países megadiversos como o Brasil, muitas dessas plantas não são acessíveis à maioria da população, especialmente a que vive na área urbana. Os mercados, por sua vez, não conhecem a maioria das espécies alimentícias nativas e não as disponibilizam à população. Por outro lado, centenas de espécies de plantas alimentícias fazem parte da cultura local de comunidades que vivem na área rural, e seus conhecimentos tradicionais, transmitidos entre as gerações, são estratégicos para sua subsistência.

Esses conhecimentos tradicionais fazem parte de um sistema de conhecimentos que inclui também os saberes sobre plantas medicinais, madeiras e outras. Esses sistemas de conhecimentos alimentares, especificamente, incluem o domínio sobre o processo de preparo de óleos, farinhas, bebidas ou para consumo ao natural, entre outros. Considerando que há uma demanda mundial por alimentos e há muitas comunidades que buscam melhorar a sua qualidade de vida, os conhecimentos locais podem dar suporte também a projetos de pesquisa e extensão e políticas públicas que visem ampliar a oferta de alimentos a partir da biodiversidade, respeitando-se a cultura local.

Os etnobotânicos têm um papel importante de estudar e valorizar esses conhecimentos. Deve-se considerar, que para a maioria das espécies alimentícias nativas, são obtidas a partir do

extrativismo e não há estudos científicos que possam dar suporte ao seu uso econômico e sustentável. Nesse sentido, associar conhecimentos tradicionais aos científicos é fundamental para o desenvolvimento de projetos voltados tanto para o benefício das comunidades, quanto da sociedade em geral.

Apenas recentemente, em especial a partir da década de 1980, é que foram intensificadas pesquisas científicas que dão suporte às cadeias produtivas de espécies alimentícias nativas. Estudos sobre a polinização, produção de mudas, valor nutricional, colheita e pós-colheita, custo e preços de produtos, estão ainda iniciando para espécies que se tornaram mais evidentes. No Cerrado, por exemplo, podem-se mencionar as cadeias produtivas do baru (*Dipteryx alata* Vogé), da bocaiuva (*Acrocomia* spp.) e do pequi (*Caryocar brasiliense* Cambess.).

Apesar desses avanços, as comunidades detentoras de conhecimentos tradicionais e inúmeras áreas com cobertura vegetal nativa estão desaparecendo. Estudos etnobotânicos no Pantanal mostram que as pessoas ainda usam plantas alimentícias nativas na sua dieta, conhecem formas de processamento de polpas e amêndoas de frutos, mas em alguns casos há um processo de erosão no conhecimento local. As comunidades rurais passam por mudanças sociais e econômicas e há um forte fluxo migratório da área rural para a área urbana, especialmente entre a geração mais jovem. Mesmo assim, não foram observadas diferenças significativas entre jovens e idosos em relação aos seus conhecimentos sobre plantas alimentícias nativas. As diferenças apontaram apenas para conhecimentos sobre processos, como obtenção de óleos e farinhas, que estão entre os mais velhos. Os resultados mostram ainda, que as comunidades localizadas em áreas mais distantes dos centros urbanos conhecem mais plantas alimentícias nativas que as que vivem em locais mais próximos.

Em relação à vegetação nativa, há evidências do aumento dos desmatamentos no Pantanal nas últimas décadas. No Cerrado, há uma grande substituição da vegetação para dar lugar à monocultura, desprezando-se a flora ainda pouco conhecida. Em todo o Estado comunidades indígenas e tradicionais, detentoras de conhecimentos tradicionais sobre a flora nativa, lutam para continuarem usando seus territórios onde obtêm os recursos necessários à sua subsistência. Há portanto, um desafio sobre como conservar as espécies nativas ao mesmo tempo que se promove o desenvolvimento local, com aproveitamento dos recursos para garantir a dieta, a renda e o direito aos territórios.

A necessidade de incrementar o aproveitamento de plantas nativas do Cerrado e Pantanal para fins alimentícios em Mato Grosso do Sul e promover a sua conservação, incentivou o desenvolvimento de diversos projetos por instituições governamentais e não governamentais. A ECOA (Ecologia e Ação), por exemplo, é uma ONG que participa da rede e tem papel importante desde o início das atividades no Estado, atuando tanto em pesquisas de campo, quanto nas ações de extensão. Como resultado dessas parcerias, tanto espécies alimentícias como as comunidades tiveram maior visibilidade. Esse conjunto de instituições interagindo para o fortalecimento das comunidades e conservação dos recursos alimentícios constitui o que estamos chamando de uma rede de conhecimentos sobre plantas alimentícias nativas. Ela busca ampliar as oportunidades de melhoria da qualidade de vida e renda das pessoas e fortalecer as comunidades. Ao mesmo tempo, busca ampliar a oferta de alimentos para a sociedade de forma justa e sustentável.

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) participa dessa rede com o Programa intitulado “Valorização de Plantas Alimentícias do Pantanal e Cerrado. Esse programa teve início em 2006 e tem sido desenvolvido em parceria com diferentes instituições governamentais e não governamentais e diversas comunidades locais. Integra essa rede com o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa extensão com plantas alimentícias do Pantanal e Cerrado. As ações são baseadas em estudos científicos relacionados às plantas nas áreas de tecnologia de alimentos, nutrição, florística, ensino de Ciências, etnobotânica, dentre outros. Os estudos etnobotânicos geram dados que orientam as ações de extensão nas comunidades de forma a respeitar a cultura, a disponibilidade de plantas nos territórios e os saberes locais. Com base nessas informações, é possível ir além de um simples repasse de conhecimentos científicos nas ações de extensão. Ao invés disso, promove-se um diálogo com as comunidades, buscando valorizar seus conhecimentos tradicionais e agregar informações que possam ser úteis ao aproveitamento das plantas tanto para a dieta quanto para geração de renda.

Com base nos estudos, espécies conhecidas tradicionalmente como alimentícias pelas populações humanas do Pantanal, e abundantes no entorno têm recebido incentivo para aproveitamento. Espécies que estavam em processo de abandono, estão sendo alvo de estratégias para sua conservação e resgate de saberes locais. Ao mesmo tempo, diversas demandas das comunidades são levadas para a Universidade para o desenvolvimento de pesquisas que dêem retorno para as comunidades.

Como estratégia para dialogar com as pessoas, resultados de estudos etnobotânicos e de outras áreas, foram incluídos em publicações da Editora UFMS e são distribuídas gratuitamente em oficinas realizadas nas comunidades. Podemos mencionar os livros voltados ao ensino fundamental e médio contextualizados ao Cerrado e Pantanal e o livro “Receitas e boas Práticas de Aproveitamento” da “Coleção Sabores do Cerrado e Pantanal”; além desses, recentemente foi publicado o livro “Conservação da Biodiversidade, Alimentos e Cultura em Mato Grosso do Sul” que faz parte da “Coleção Saberes do Cerrado e Pantanal. Juntamente com outros materiais produzidos pela equipe e em alguns casos, em conjunto com a comunidade, essas publicações têm sido amplamente utilizadas. Neste ano (2019), ouvimos o relato da tradução do livro de receitas para a língua Terena, com acréscimo dos nomes dos frutos na língua indígena dessa etnia.

Conhecimentos científicos e tradicionais também foram compartilhados com outras comunidades não tradicionais que participam dessa rede em Mato Grosso do Sul. Esse é o caso de assentamentos da Reforma Agrária instalados na área rural especialmente a partir da década de 1990. Um exemplo de assentamento pioneiro foi o Andalúcia, no município de Nioaque. No início da década de 2000, eles procuravam por alternativas para geração de renda e tiveram a oportunidade de iniciar o extrativismo de cumbaru no Estado. Foram anos de investimento e capacitação, com muito empenho de lideranças locais e ONGs e suporte científico da UFMS. Hoje, sediam o CEPPEC (Centro de Produção, Pesquisa e Capacitação do Cerrado) e se tornaram grandes extrativistas de amêndoas e frutos nativos. Suas práticas e conhecimentos adquiridos passaram a ser compartilhados com outros grupos de pessoas e comunidades. Há por-

tanto, um ciclo claro de fluxo e transformação de conhecimentos sobre plantas alimentícias nativas.

Para realizar essas ações, uma metodologia participativa foi desenvolvida ao longo do tempo. Ela inclui conhecer, respeitar e valorizar as culturas e a biodiversidade. A fim de trabalhar com essa temática, é preciso analisar cada atividade antes de ir a campo. Cada membro da equipe de extensão deve ficar sensibilizado para atuar junto às comunidades. É necessário ter em mente, por exemplo, que tanto pesquisadores, quanto pessoas idosas, em muitas comunidades, podem ser considerados especialistas em plantas. É importante ficar atento aos costumes e aos conhecimentos locais de cada comunidade/etnia, inclusive ter a compreensão de que eles não são estanques e mudam com o tempo. Com isso, tem sido possível desenvolver habilidades entre os estudantes de Graduação e Pós-Graduação que participam das atividades de ensino, pesquisa e extensão, para que eles possam atuar, futuramente, na busca pelo melhor aproveitamento e conservação das plantas alimentícias nativas, uma prática tão antiga quanto inovadora.

Nos últimos anos, pequenas comunidades do Cerrado e Pantanal têm ampliado o aproveitamento de frutos nativos fortalecendo estratégias que visam a segurança alimentar e nutricional e a soberania alimentar. Esta rede integra saberes científicos e tradicionais; novas comunidades no Cerrado e Pantanal e novas instituições, comunidades e organizações se integram a ela a cada ano. Apoio financeiro: MEC/SESU/PROEXT.